

# Nacional

Durante os próximos dias 3, 4 e 5 de Março, Lisboa vai ter ocasião de assistir, no Teatro da Comuna, a três recitais de um cantor português cujo traço característico é de ser conhecido no estrangeiro e praticamente votado ao ostracismo no seu próprio país.

Apresentado na sua nudez, o «caso» Cília é deveras espantoso. Como pode alguém, que ao longo de vários anos de exílio foi uma das vozes (escutadas) da resistência antifascista portuguesa voltar ao seu país, recentemente libertado das garras da opressão e deparar com uma hostilidade latente, com um boicote flagrante?

A resposta, a esta questão, já há muito que Cília a tinha engatilhada:

«Após o 25 de Abril, a maior parte das pessoas considerava que a revolução era Lisboa e os comícios no Pavilhão dos Desportos. Ora eu tive a grande alegria de ter participado nas campanhas de dinamização cultural. Dessa maneira é evidente que não podia fazer nome pois, como já o disse, fora de Lisboa era o deserto e as pessoas que por ali andavam não «mereciam» o destaque que normalmente se dava àquilo que se passava na macrocefalia da capital. No entanto, para mim, o essencial, apesar de ter consciência do problema, era a função que poderia ter a minha actuação, e nesse sentido, era indubitável que era muito mais importante actuar para vinte ou trinta pessoas nas mais variadas aldeias deste País do que cantar num Pavilhão dos Desportos repleto. Com efeito, preferi, e prefero, cantar para trinta pessoas que saibam, compreendam, respeitem, gostem e sintam uma afinidade com aquilo que faço do que estar em certos sítios-chave e gozar os favores dos meios de Comunicação Social...»

**«NÃO VOU MUDAR DE ATITUDE...»**  
«D/L» — Falaste em contacto directo com o público. Mas

quanto à rádio? Não é segredo para ninguém que a tua ausência das antenas é flagrante...

L.C. — A nível da rádio a única coisa que poderei dizer — numa opinião estritamente pessoal e que pode não corresponder à realidade — é que a maioria dos locutores portugueses eram, e são, absolutamente os mesmos de antes do



1.º Festival da Canção Comprometida em Cuba. Fidel escuta, Cília canta...

25 de Abril. Acontece que, após desta data, os mesmos sentiram necessidade de encontrar a definição política que lhes faltava limitando-se aquela que encontraram à escolha de canções onde a palavra «socialismo» rimava com «fascismo», onde «patrão» rimava com «ladroão», etc. É óbvio que neste contexto as minhas canções não foram escolhi-

## O "CASO" LUÍS CÍLIA Santos da casa não fazem milagres?

das... Mas sabes, que falem de mim ou não, pouco me interessa, o que eu sou é que não vou mudar de atitude em troca das luzes da ribalta...

Quando no dia 29 de Abril de 1974 voltei para Portugal

oportunismo e a demagogia e, para mim, a canção e o cantor, só encontrarão a sua intelligibilidade se se despirem da demagogia que por vezes os envolve. A partir do momento em que o cantor se fixa por objectivo a demagogia, fecha automaticamente a porta à qualidade e, consequentemente, ao possível impacto do seu trabalho.

A demagogia reinante no período pós-25 de Abril acabou por provocar, por parte de um público ao princípio receptivo uma reacção negativa. Há uma realidade que muitos ignoram e que nos diz que se vendem actualmente muito menos discos de «canção comprometida» que antes e logo após o 25 de Abril. É natural que assim aconteça, pois muitas coisas se esqueceram durante esse tempo. Esqueceu-se por exemplo, que não é por um espectáculo ser de esquerda que isso deve envolver «bandalheira», comícios tardios, má sonorização, etc. Não é de espantar, portanto, que agora as pessoas vão para casa ver as emissões de variedades que não terão grande qualidade artística mas que, pelo menos, são feitas em boas condições técnicas. Não faltam os microfones, a sonorização é boa, os horários são respeitados...

«DMAGOGIA FECHA A PORTA À QUALIDADE»  
«Aquilo que não posso negar é que me sinto um tanto ou quanto desiludido pelo facto do trabalho que realizei ao longo de dez anos de exílio não ser reconhecido, após o meu regresso, aqui a Portugal. No entanto, é-me muito mais importante continuar a ser coerente comigo próprio, mesmo sabendo que, para ser ultracohecido em Portugal, bastaria ter-me utilizado do facto de ter sido eu o autor, em 1968, da canção «Avante» e, mais tarde, da música do hino da Intersindical. Com efeito, não tenho o hábito de pactuar com o

oportunismo e a demagogia e, para mim, a canção e o cantor, só encontrarão a sua intelligibilidade se se despirem da demagogia que por vezes os envolve. A partir do momento em que o cantor se fixa por objectivo a demagogia, fecha automaticamente a porta à qualidade e, consequentemente, ao possível impacto do seu trabalho.

«DMAGOGIA FECHA A PORTA À QUALIDADE»  
«Aquilo que não posso negar é que me sinto um tanto ou quanto desiludido pelo facto do trabalho que realizei ao longo de dez anos de exílio não ser reconhecido, após o meu regresso, aqui a Portugal. No entanto, é-me muito mais importante continuar a ser coerente comigo próprio, mesmo sabendo que, para ser ultracohecido em Portugal, bastaria ter-me utilizado do facto de ter sido eu o autor, em 1968, da canção «Avante» e, mais tarde, da música do hino da Intersindical. Com efeito, não tenho o hábito de pactuar com o



Conhecido no estrangeiro, votado ao ostracismo em Portugal...

necessita de ter uma certa qualidade na apresentação e, obviamente, no conteúdo.

«D/L» — Com o que acabas de dizer não temos ser considerado elitista e tecnicista?

L.C. — De maneira alguma e pela simples razão que não o sou. Tanto posso apresentar um recital em Paris, Santiago de Cuba, Madrid ou em Lisboa como na mais pequena aldeia de Portugal. O que entendo é que o devo fazer com respeito

pelo público e por mim próprio. Faço efectivamente parte das pessoas que respeitam e gostam da profissão que exercem e que recusam o amadorismo no meu sentido da palavra. Cantar é a minha profissão. Penso viver dela durante muito tempo e, para tal, só com dignidade e eficiência é que posso conquistar um público.»

«D/L» — No fundo, sentes-te um pouco exilado musicalmente em Portugal?

L.C. — Sim. Existe de facto um certo exílio interior, e no aspecto musical é o meu caso. No entanto, e como já o disse várias vezes, não estou muito preocupado com isso porque vivi exilado dez anos em França sem nunca perder as perspectivas. Vou dando tempo ao tempo e creio que o trabalho de cada um acaba sempre, quando válido, por vir ao de cima. Penso que se aquilo que eu faço representa algo e é igualmente válido, também acabará por vir ao de cima. Até lá tentarei continuar na via traçada e no contexto actual a alertar através das minhas canções o público para o perigo fascista, o que passa obrigatoriamente por um espectáculo de qualidade. É essa a minha intenção ao fazer no dia 3, 4 e 5 de Março um recital no Teatro da Comuna. No fundo, é uma proposta que espero que venha a ser aceite apesar de saber, desde já, que muita gente já não gosta daquilo que eu vou fazer, mesmo não sabendo do que se trata. Este triste hábito de meter etiquetas políticas num cantor...»

MANUEL ANT/

### O RESPEITO DO PÚBLICO

«O problema da canção é exactamente aquele que uma pessoa que vai ao talho comprar bifes e lhe dão carne estragada. Ela não aprecia! Não há que ter medo de afirmar que nós, os cantores, fazemos um produto de consumo e que o mesmo, para ser consumido,

Sa Carneiro de